

## O ensino de história e a história pública digital

### Entrevista com Anelize Vergara

*Renan Rivaben PEREIRA<sup>8</sup>*

Anelize Vergara é mestra pela Universidade Estadual de São Paulo e sua dissertação aproximou história e literatura ao abordar as crônicas de Rubem Braga na época do Estado Novo.<sup>9</sup> Em 2018, ela criou o canal no *Youtube* Profª Anelize e passou a produzir vídeos com conteúdo de História para jovens estudantes e vestibulandos. Quase quatro anos depois, o canal está prestes a atingir 40 mil inscritos e Anelize também obtém números expressivos de popularidade em outras redes sociais. Hoje, ela divide sua atuação como professora do Ensino Básico e a produção de conteúdo, inclusive para professores de História, em várias redes sociais. Nessa entrevista, abordaremos suas experiências e visões sobre o ambiente acadêmico, a História Pública Digital e as possibilidades que as redes digitais oferecem para o cientista e o professor em tempos de discursos autoritários e anticientíficos.

\*\*\*

**Renan Pereira:** *Profª. Anelize, você se tornou mestra em História pela UNESP (Campus de Assis) em 2014. Nessa época, qual era a relevância que se dava dentro da universidade para a História Pública Digital e a importância de o profissional da história conseguir atingir e dialogar com o grande público?*

**Anelize Vergara:** Durante a graduação e até mesmo na pós eu pouco ouvia falar sobre História Pública e/ou alguma iniciativa. Não me recordo dos meus professores

---

<sup>8</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. ORCID: 0000-0002-9972-226X. E-mail: renanpereira10@hotmail.com

<sup>9</sup> VERGARA, Anelize. Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939). 2014. 164 f. *Dissertação* (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113808>>.

comentando, tampouco era uma pessoa que consumia este tipo de conteúdo. Claro, me lembro de ver iniciativas como as do Leitura ObrigaHistória (canal no *Youtube*), mas me recorro, neste sentido, um foco maior em comentários sobre iniciativas de historiadores escrevendo em livros para o grande público.

**Renan Pereira:** *Os últimos anos mostraram, principalmente, depois da pandemia da COVID-19, que é preciso mais do que nunca que as pessoas comprometidas com a ciência e as pesquisas acadêmicas ocupem os espaços digitais de ampla popularidade para que se combata com efetividade o forte discurso negacionista e anticientífico. Entretanto, você ainda sente que existe um preconceito que emana do meio acadêmico sobre aqueles que atuam e promovem a ciência nas mídias digitais populares?*

**Anelize Vergara:** Acredito que antes da pandemia havia um preconceito maior. Lembro-me destes comentários sobre iniciativas de historiadores ou historiadoras que escreviam para um grande público como algo não tão bom ou até mesmo menor, quando comparado ao esforço acadêmico. No entanto, nos últimos três anos eu nunca senti esse preconceito com relação ao meu canal, pelo contrário, sempre fui bem recebida por iniciativas acadêmicas de pesquisa sobre a História Pública, até mesmo da Anpuh. Isso foi muito bacana, porque lembro que quando comecei no canal tinha este receio, do meu conteúdo não ser levado a sério.

**Renan Pereira:** *Em uma outra entrevista, você afirmou que em 2018 você não se sentia livre em sala de aula para escolher e trabalhar os conteúdos como você gostaria, e que sua ida para a internet, de certa forma, foi uma saída para essa situação.<sup>10</sup> Aquele ano foi delicado para o professor visto que foi o auge das novas direitas e de suas ideias que acusavam o professor de doutrinador político. Gostaria que você comentasse mais sobre isso e se você acredita que, quatro anos depois, o professor ainda se encontra nesse lugar defensivo e de cerceamento.*

**Anelize Vergara:** Foi exatamente isso. Na verdade, eu tive experiências bem complicadas em sala de aula, desde 2016, com a popularização do Escola Sem Partido.

---

<sup>10</sup> Laboratório de Pesquisa e Ensino de História – LAPEH. O Youtube como plataforma educativa no Ensino de História – Prof.<sup>a</sup> Anelize Vergara. *YouTube*, 2 de jul. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3otREIz\\_oA8](https://www.youtube.com/watch?v=3otREIz_oA8). Acesso em: 23 de maio de 2022.

Naquele ano, o projeto estava em discussão na Câmara dos Vereadores de Jundiaí e acabou se tornando tema de debates entre os alunos. Além disso, a polarização estava no seu auge após o golpe e se intensificou no ano das eleições. Muitas temáticas que no início de carreira eu abordava com tranquilidade passaram a ser temas espinhosos, e eu comecei a ouvir dos alunos abordagens revisionistas e negacionistas que nunca havia me deparado antes. Me lembro de um aluno do ensino médio me questionando se o nazismo era de esquerda! Eu não me sentia acolhida pela direção e coordenação da escola onde trabalhava, pelo contrário, me sentia ameaçada e com meu emprego ameaçado. Foi um período que aprendi muito, pois comecei a referenciar tudo que trazia em sala de aula e planejar com ainda mais cuidado minhas aulas. Infelizmente, mesmo com o fim do Escola Sem Partido, atualmente, a ideia de que professores de humanas são doutrinadores ainda se mantém e precisamos, ainda mais em ano eleitoral, sermos cautelosos. Conheço muitos casos de professores sendo perseguidos neste sentido e recebo algumas mensagens de professores desabafando sobre essas situações. Tenho esperança que teremos algumas mudanças a depender da nossa conjuntura ano que vem, mas enquanto isso procuro fazer meu trabalho com cuidado e com rigor.

**Renan Pereira:** *Quais são as possibilidades pedagógicas e metodológicas que o Youtube e as redes sociais te oferecem que uma sala de aula tradicional não consegue? E do ponto de vista mais geral, digamos, o que as redes te proporcionam?*

**Anelize Vergara:** O canal foi uma forma que usei para sair dessa autocensura e engessamento que me sentia naquela conjuntura. É claro que muitas vezes não me posiciono de forma explícita, pois ainda faço parte de uma instituição e sei que algumas questões podem influenciar no meu trabalho ali. No entanto, eu sou capaz de trazer abordagens que acredito, como uma educação crítica, antirracista, feminista e anticapitalista, algo que vou fazendo aos poucos e a partir de *playlists* e vídeos onde faço essa abordagem. Não estou dependendo de apostilas ou livros didáticos das instituições que estou vinculada e me sinto mais livre neste sentido. Além disso, consigo me comunicar com pessoas de diferentes locais do país, ter um retorno da minha didática e de como aquele conteúdo chega nestas diversas pessoas.

Percebi também, ao longo destes anos, que minha própria prática em sala de aula se alterou, no sentido de que me sinto mais segura para organizar minhas aulas, para explicar os conteúdos e, com certeza, penso com mais atenção na minha prática hoje. A nossa profissão pode ser bem solitária muitas vezes e o canal me traz esse *feedback* que eu não costumava receber nas instituições onde estava.

**Renan Pereira:** *Profa. Anelize, você percebe um recorte de classe, gênero, raça e regional no seu público? Como você pensa a sua produção de conteúdo digital para estudantes e professores do Ensino Básico visto a multiplicidade enorme de realidades escolares no Brasil?*

**Anelize Vergara:** Olha, Renan, pelas estatísticas do *Youtube* eu consigo te afirmar que boa parte do meu público é composto por mulheres entre 18 a 24 anos. Geralmente são estudantes do ensino básico e agora, por conta da minha *playlist* para professores, graduandas em História. Não consigo te afirmar se há um recorte de classe específico ou regional, mas a partir dos comentários eu vejo que boa parte são estudantes de escolas privadas e da região Sudeste. Por isso, tenho em mente que existe um limite para a democratização deste conteúdo, que, obviamente, não atinge todos os tipos de públicos, entende? Muito embora durante o ano de 2020 eu tenha recebido muitos comentários de professores do país todo e de diferentes instituições que diziam estar usando meu material, inclusive em sites das escolas. O que procuro fazer ao organizar meu conteúdo é pensar em temáticas de nível bem básico (como para quem está nos anos iniciais do Fundamental) tanto quanto para quem já está num nível pré-vestibular. Interessante que, muitas vezes, o conteúdo que para minha visão é básico, chega em pessoas já formadas e de outras áreas que se interessam por História.

**Renan Pereira:** *Bruno Leal, professor da Universidade de Brasília (UnB) e um dos pioneiros da História Pública Digital no Brasil, disse que o fato dele ter formação em Comunicação Social contribuiu para o sucesso do portal Café História.<sup>11</sup> Você consegue*

---

<sup>11</sup> PPGH – Universidade Federal de Uberlândia. Divulgação científica e História no Brasil – Bruno Leal (UNB e fundador do site Café História. *Youtube*, 23 de março de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Rs0Gg\\_NG-8](https://www.youtube.com/watch?v=_Rs0Gg_NG-8). Acesso em: 22 de maio de 2022.

*mensurar o quanto você já se desenvolveu em técnicas de comunicação, oratória, síntese e linguagem estética depois do início de sua atuação no espaço digital?*

**Anelize Vergara:** Com certeza vejo que este é um diferencial muito importante. Para estarmos nas plataformas precisamos entender sobre elas. A exemplo do *Youtube* ou do *Instagram*. Entender quem é o público dali, como funciona o alcance, algoritmo, saber o básico sobre *marketing* digital. No início do canal eu estava mais preocupada com a parte do conteúdo em si e da estética, tanto que tenho uma editora que me ajuda nessa parte, mas depois fui percebendo que precisava estudar mais a plataforma, o que noto que me ajudou bastante. Atualmente estou fazendo um curso de *marketing* digital voltado para professores porque pretendo me organizar com relação a isso. Mas confesso que são muitas abordagens e muitas visões que eu não concordo, ideologicamente falando, por isso está sendo um desafio.

**Renan Pereira:** *Existe um debate que diz que a internet se transformou muito nos últimos dez anos, que antes seria um espaço mais orgânico e que agora é dominada por sistemas de algoritmos.<sup>12</sup> Você começou seu canal em 2018, de lá para cá o que você já percebeu que mudou na internet? Pode-se dizer que você já domina os algoritmos e as técnicas que trazem engajamento para seu canal e perfil?*

**Anelize Vergara:** O *Youtube* tem um algoritmo que é um grande mistério. A própria página te ajuda dando informações e dados com ‘Analytics’, porém, eu sempre gostei de assistir a vídeos e pesquisar sobre como outros criadores (não só na área de História) fizeram para conseguir mais alcance. E, infelizmente, alguns temas e algumas abordagens ‘apelativas’ são as que mais chamam a atenção e trazem visualizações. Temas que estão sendo muito comentados também são ótimos para o alcance, porém sou um pouco teimosa com relação a isso. Evito gravar vídeos neste sentido, o que pode me atrapalhar no crescimento, mas eu prefiro me manter na qualidade do conteúdo.

---

<sup>12</sup> Ver PIERRO, Bruno de. O mundo mediado por algoritmos. *Revista Pesquisa Fapesp*. São Paulo, n° 266, abr, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mundo-mediado-por-algoritmos/>. Acesso em: 10 maio 2022.

**Renan Pereira:** *Nesse tempo de atuação no universo digital, você deve ter acompanhado mais de perto a produção e disseminação das fake news. Em sua opinião, por que é difícil barrar ou desmentir uma fake news? E sobre os haters,<sup>13</sup> eles te incomodam muito?*

**Anelize Vergara:** No caso da nossa área existem muitas notícias falsas, mas principalmente empresas com grande investimento e com grandes interesses por trás divulgando revisionismos e negacionismos. Sei que sozinha com o canal não farei o trabalho de desconstruir esses revisionismos, mas acredito que assim como outros bons projetos de historiadores que existem nas redes, podemos aos poucos ir disseminando a História como ciência séria e comprometida. Procurei fazer nos vídeos uma organização sobre alguns temas que são mais sondados por esses disseminadores de revisionismos, inclusive fiz um vídeo sobre o conceito de *fake news* e de Revisionismos e Negacionismos que gosto bastante. Creio que planto uma sementinha nesse mar de desonestos.

Já sobre os *haters*, eles não são muitos quando comparados aos comentários bacanas que recebo. Mas, tenho isso documentado e 99% dos comentários ruins vêm de homens. O meu vídeo sobre a História do Feminismo foi aquele que mais recebi *hate* até hoje, o que é sintomático para mim como criadora de conteúdo e professora. Costumo não responder estes comentários.

**Renan Pereira:** *Além das relações espúrias entre governos negacionistas e bilionários egocêntricos, o filme Don't Look Up (2021) mostra a aventura de um professor universitário que precisa deixar o seu ambiente reservado e circunscrito por observações de corpos celestes e cálculos astrofísicos para encarar os grandes holofotes midiáticos. Você acha que, como algumas cenas do filme sugerem, o sujeito comprometido com a ciência precisa tolerar certas imprecisões e, digamos, frivolidades da chamada modernidade líquida, para citar Bauman,<sup>14</sup> para que a sua mensagem principal chegue ao grande público?*

---

<sup>13</sup> Pessoas que disseminam discursos de ódio na internet por motivações ideológicas, racistas, homofóbicas, misóginas e outras mais.

<sup>14</sup> O sociólogo Zygmunt Bauman definiu a modernidade tardia como uma sociedade marcada por relações sociais, inclusive afetivas, superficiais e fugazes. Em dissonância com a longevidade e solidez das relações do mundo tradicional, Bauman criou o termo modernidade líquida. Ver BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

**Anelize Vergara:** Eu entendo que a divulgação científica exige uma ‘adaptação’ para o grande público, porém entendo também que a internet é formada por grandes nichos, por diferentes plataformas e que, quando pretendemos fazer História Pública Digital devemos trabalhar em cima destes recortes, assim como uma pesquisa acadêmica. Existem canais de História no *Youtube* que focam apenas no conteúdo pré-vestibular, existem canais que tem o foco numa análise mais marxista da História, enfim, diferentes abordagens para diferentes públicos. Hoje mesmo a plataforma *TikTok* tem ganhado seu espaço e necessitamos cada vez mais de historiadores e historiadoras por lá, porém é uma plataforma de vídeos curtos e que traz seus desafios para abordagens mais complexas. Eu acredito que não podemos deixar de lado o comprometimento com a ciência, mas, também podemos nos adaptar e nos adequar às diferentes plataformas se quisermos atingir um determinado público.

**Renan Pereira:** *Apesar de sua já sólida carreira na História Pública Digital, você ainda atua como professora da Escola Básica. Como você enxerga hoje as possibilidades, inclusive financeiras, do historiador atuar fora dos seus espaços convencionais (pesquisa e ensino)?*

**Anelize Vergara:** Olha Renan, apesar do tempo em que estou com o canal, sempre gosto de frisar que eu fiz tudo ali de forma autônoma. No sentido financeiro, eu sempre investi no canal com o dinheiro que recebia da escola (CLT) e só após dois anos comecei a monetizar no *Youtube*. Faz pouco mais de um ano que tenho apoiadores na minha campanha virtual e com o dinheiro do *Youtube* consigo usar pouco do meu salário, no entanto, não é um trabalho que conseguiria me sustentar atualmente. Claro, a partir do canal e do meu engajamento eu consigo vender cursos, monitorias, oficinas, inclusive tenho muitos colegas que já fazem isso. Eu fiz uma escolha de permanecer CLT por enquanto, mas vejo que a opção de monetizar de outras formas está próxima de acontecer para mim. Por isso, creio que aqueles que querem se manter com História Pública Digital precisam de um bom plano de organização para começar, além de conhecimento sobre empreendedorismo.

**Renan Pereira:** *Anelize, hoje você conquistou um espaço significativo em várias redes sociais. Inicialmente, você apostou na criação de conteúdo para o público escolar e jovem. Agora, você pretende diversificar seus conteúdos e atingir outros públicos, ou o público escolar continuará sendo o seu foco?*

**Anelize Vergara:** Eu me vejo fazendo vídeos para o público escolar, acredito que faz parte até da minha intenção no canal, até mesmo por questões ideológicas. No entanto, vejo que os jovens professores, aqueles que estão em começo de carreira na sala de aula, são muito do meu público, por isso pretendo me organizar para atender as necessidades destes profissionais também. É um desafio para mim, pois sei que tenho pouco tempo em sala de aula e que preciso ampliar meus horizontes para além da produção de conteúdo em si. Como disse, nós temos que aprender também sobre o processo digital, do *marketing*, de vendas, enfim, um pouco de tudo. Mas, vejo também como uma opção de fazer discussões e de pensar nossa prática como professores de História.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Laboratório de Pesquisa e Ensino de História – LAPEH. O Youtube como plataforma educativa no Ensino de História – Prof.<sup>a</sup> Anelize Vergara. *YouTube*, 2 de jul. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3otREIz\\_oA8](https://www.youtube.com/watch?v=3otREIz_oA8). Acesso em: 23 de maio de 2022

PPGH – Universidade Federal de Uberlândia. Divulgação científica e História no Brasil – Bruno Leal (UNB e fundador do site Café História. *YouTube*, 23 de março de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Rs0Gg\\_NG-8](https://www.youtube.com/watch?v=_Rs0Gg_NG-8). Acesso em: 22 de maio de 2022.

PIERRO, Bruno de. O mundo mediato por algoritmos. *Revista Pesquisa Fapesp*. São Paulo, n° 266, abr., 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mundo-mediado-por-algoritmos/>. Acesso em: 10 maio 2022.

VERGARA, Anelize. Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939). 2014. 164 f. *Dissertação* (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 10/06/2022

Aprovado em: 21/10/2022